


Românticos, mazzinianos e farroupilhas: traços na imprensa de uma afinidade político-cultural (1837-1840) / *Románticos, mazzinianos y farroupilhas: trazos en la prensa de una afinidad político-cultural (1837-1840)*

María Laura Romano *

Bolsista pós-doutoral do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, Buenos Aires, Argentina. Doutora da Universidad de Buenos Aires, área Literatura.

 <https://orcid.org/0000-0002-1102-015X>

Recebido em: 27 jan. 2021. Aprovado em: 28 fev. 2021.

Como citar este artigo:

ROMANO, María Laura. Românticos, mazzinianos e farroupilhas: traços na imprensa de uma afinidade político-cultural (1837-1840). *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 2, p. 252-268, mai. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10136391>

RESUMO

O artigo analisa diferentes aspectos da afinidade político-cultural que caracteriza uma série de jornais de Buenos Aires e Montevideú, editados por escritores românticos entre 1837 e 1840, e a imprensa oficial da República Rio-Grandense, especialmente o jornal *O Povo* (1838 -1840). Ele propõe que essa afinidade é o traço material da emergência de um espaço de sociabilidade letrada de âmbito regional que teve como intermediários os emigrantes mazzinianos que participaram na insurreição farroupilha como soldados, mas também como construtores de um discurso público republicano através da imprensa. Ao final, como resultado da análise dos jornais, ilumina-se um curto período da primeira metade do século XIX (1837 a 1840) em que se desenvolveu uma intensa troca de ideias entre o Rio da Prata e a zona sul do Brasil, que necessita ser estudado com profundidade caso se queira construir um discurso crítico capaz de acercar o Brasil aos países hispano-americanos.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa do século XIX; Socialismo romântico; Ideário mazziniano; Romanticismo; Revolução Farroupilha.

RESUMEN

El artículo analiza distintos aspectos de la sintonía político-cultural que caracteriza una serie de periódicos de Buenos Aires y Montevideo, editados por los escritores románticos entre 1837 y 1840, y la prensa oficial de la República Rio-Grandense, especialmente el periódico *O Povo* (1838-1840). Propone que esa sintonía es la huella material de la emergencia de un espacio de sociabilidad letrada de alcance regional que tuvo como intermediarios a los emigrados mazzinianos que participaron en la insurrección farroupilha como soldados pero también como constructores de una discursividad pública republicana a través de la prensa. Finalmente, como resultado del análisis de los periódicos, se ilumina un corto período de la primera mitad del siglo XIX (1837 a 1840) en el que se desarrolló un intenso intercambio de ideas entre el Río de la Plata y la zona meridional brasileña, que merece ser estudiado en profundidad si se quiere construir un discurso crítico capaz de acercar Brasil a los países hispanoamericanos.

PALABRAS-CLAVE: Prensa del siglo XIX; Socialismo romántico; Ideario mazziniano; Romanticismo; Revolução Farroupilha.

*

 gortotr@hotmail.com

1 Introdução: Brasil, um estrangeiro imenso

Nas primeiras décadas do século XX, a divulgação do *esprit nouveau* que foi introduzido nas terras sul-americanas plantou a bandeira do cosmopolitismo artístico e cultural que deu lugar a uma abertura de fronteiras jamais vista na história da arte (SCHWARTZ, 1993, p. 16). O escritor modernista brasileiro Mário de Andrade é um emergente da época do auge de vanguarda dos anos vinte, cujo espírito cosmopolita, ao questionar os nacionalismos, foi um fecundo impulsor dos laços interculturais entre o Brasil e a Hispano-América. Em 1928, Mário de Andrade publicou no *Diário Nacional* de São Paulo uma série de ensaios sobre o que denominou "literatura modernista argentina" (compreendidos sob essa categoria estavam: Oliverio Girondo, Ricardo Güiraldes, Jorge Luis Borges, Nicolás Olivari). Em um deles, o autor de *Macunaíma* frisou a distância como característica *sine qua non* do vínculo entre o Brasil e as nações da América espanhola: "[...] no rincão de Sul América o Brasil é um estrangeiro enorme. O homem de outra raça, outro passado, e outra fala –razões de incontrastável afastamento!" (RODRÍGUEZ MONEGAL, 1978, p.76).¹

Mais tarde, o século XX, com o nascimento do latino-americanismo e o desejo político de "Pátria grande", daria frutos interessantes na magna tarefa de integração cultural do hispânico e do luso-americano trazidos pelos intelectuais do porte de Ángel Rama e de Antonio Cândido, que uniram esforços para reverter o estado descrito por Andrade. A pesquisa apresentada pelo artigo está inserida nessa tradição, porém analisa um tempo anterior. De fato, a história de aproximações programáticas entre o Brasil e a Hispano-América desenrolou um dos seus acontecimentos centrais na primeira metade do século XIX em que houve também letrados interessados na aproximação das duas grandes áreas culturais da América do Sul. Esse período oitocentista foi o cenário de processos históricos que impulsaram a aproximação luso-hispano-americana por meio dos contatos entre o Rio da Prata e o Rio Grande do Sul, territórios de fronteira que há séculos estavam em disputa.² A Revolução Farroupilha (1835-1845), que se desenvolveu nessa última província, constituiu um acontecimento chave, já que os românticos platinos direcionaram seus

¹ O texto de Andrade apareceu na edição de 22 de abril de 1928 do *Diário Nacional* intitulado "Literatura modernista argentina". Este conjunto de leituras do escritor brasileiro sobre a literatura de vanguardista portenha foi publicado por Emir Rodríguez Monegal no "Apêndice documental" do seu ensaio *Mário de Andrade/ Borges* (1978). Mencionamos de acordo com esta edição.

² Sobre o assunto das rivalidades entre as nações ibéricas na América meridional, consultem o artigo de Tejerina (1996) incluído nas referências e o livro *O continente em armas: uma história de guerra no sul do Brasil*, de Santos Neuman e Grijó (2010), que possui vários estudos sobre as disputas territoriais na região, tanto na etapa colonial quanto no período da Cisplatina.

olhares para ela, impelidos pela doutrina social que preconizavam. Ao redor da rebelião farroupilha, que tinha terminais claros nos conflitos desenvolvidos naqueles anos na Confederação Argentina e no Uruguai, teceu-se uma rede de intercâmbios cujos vestígios apareceram na imprensa da época, tendo como intermediadores um grupo de italianos seguidores de Giuseppe Mazzini que chegaram à região, expulsos da terra natal. O artigo oferece uma aproximação a essa rede construída ao redor do conflito *farrapo* e analisa a circulação textual que permitiu consolidá-la por meio da imprensa periódica. De antemão, o texto retoma algumas categorias da crítica cultural e da historiografia, usadas para pensar de forma integrada territórios cujas congruências (geográficas, econômicas, políticas e culturais) foram obliteradas durante o processo de consolidação dos Estados nacionais e dos projetos historiográficos que os coadjuvaram.

2 Constelações fronteiriças

Na tradição da crítica cultural latino-americana, existem abordagens que tentaram construir um discurso capaz de articular as culturas e literaturas hispano-americanas e luso-brasileiras. Jorge Schwartz analisa tudo isso em um artigo, cujo título já é toda uma declaração de princípios: "Abaixo Tordesilhas!" (1993). Schwartz destaca o lugar pioneiro, quanto a isso, que coube a Pedro Henríquez Ureña, indicando como continuadores do trabalho do intelectual dominicano aos uruguaios Emir Rodríguez Monegal e Ángel Rama, cujo interesse pelo Brasil associa-se à condição de viver em uma nação limítrofe. Na verdade, o fato de que o Uruguai seja um "país de fronteira"³ entre os territórios portugueses e espanhóis foi assumido como critério explicativo da própria trajetória intelectual dos dois últimos críticos mencionados (talvez não de forma tão pronunciada em Monegal). Para Rama, a história comum entre o seu país e o Brasil (Uruguai foi parte do Império brasileiro entre 1817 e 1825 sob o nome de Província Cisplatina) criou uma circunstância histórica, razão pela qual foram os uruguaios quem começaram o magno esforço de integração (1993, s/p). Rama assumiu essa circunstância com grande convicção. O epistolário entre ele e Antonio Candido, publicado por Pablo Rocca em 2015, dá testemunho de seu intenso desejo de construção dessa unidade cultural e de todos os esforços encarados para conseguí-la. O conceito de comarca de Rama (1969, p. 292) e, mais concretamente, a delimitação da "comarca pampiana" são chave para o projeto do crítico uruaio, com referência à integração do Brasil e da América espanhola em um território de significações culturais e literárias comuns.

³ A denominação pertence ao historiador uruaio Gerardo Caetano (2015, s/p).

No contexto historiográfico, nos anos 90, apareceu um trabalho que ia na mesma direção, já que apoiava a partir de variáveis, principalmente econômicas, as intuições de Rama, no que diz respeito à transnacionalidade do pampa. *Em As raízes históricas do Mercosul. A região platina colonial* (1996), as historiadoras brasileiras Heloisa Reichel e Leda Gutfreind distinguiram nos confins meridionais da América, um espaço geográfico unitário que denominaram região platina (corresponde, grosso modo, com os atuais territórios do Uruguai, Buenos Aires, o litoral argentino e o estado brasileiro do Rio Grande do Sul). Trata-se de uma categoria que geograficamente delimita o mesmo espaço que a comarca pampiana de Rama, mas que não destaca a planície como fundamento material de integração, mas sim nos rios. De fato, o Rio da Prata e seus afluentes, o Paraná e o Uruguai, foram o núcleo de conflitos de velhíssima data que regularam os vínculos históricos, primeiro entre as posses espanholas e portuguesas de além-mar e, após as independências, entre os Estados nacionais que iam sendo delineados na área (TEJERINA, 1996; SANTOS NEUMANN e GRIJÓ, 2010).

Reichel e Gutfreind consideram que, em tempos da colônia, a faixa americana meridional constituiu uma unidade econômica, social e cultural determinada principalmente por ser a produção pecuária a sua principal atividade econômica. Essa unidade começou a desmoronar por causa das defasagens nos sistemas produtivos: enquanto o escravagismo se expandia pelo Rio Grande do Sul, a área hispânica avançava em direção a formas de produção ligadas a um incipiente capitalismo. A fragmentação da região foi intensificada com o início do processo de conformação dos Estados nacionais. Não obstante, as autoras afirmam que os intercâmbios humanos, comerciais e de ideias que foram realizados durante o período colonial não deixaram apenas marcas profundas na sociedade (neste sentido, destacam as semelhanças com relação à cultura popular), mas também persistiram durante a época posterior às independências.

No período aberto após a ruptura dos laços políticos com as metrópoles ibéricas, a eclosão em 1835 da Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul é um dos acontecimentos centrais da história comum das nações que ocupam hoje parte dos territórios do que foi a região platina colonial. Em 1831, começou no Brasil a época das Regências, durante a qual houve múltiplas rebeliões locais contra o centralismo carioca. A Revolução Farroupilha, que enfrentou as forças imperiais com o setor mais exaltado da parcialidade liberal do Estado sulista, foi um dos conflitos mais duradouros, visto que se estendeu por dez anos, período que incluiu a conversão de parte do território provincial em uma república. A insurreição dos Farrapos inaugurou o "capítulo republicano" na história dos vínculos regionais da América do Sul. Sem dúvida, tratou-se da nova

etapa de uma história lavrada sobre vínculos, cumplicidades, enfrentamentos e interesses comuns de longuíssima data. "Antigas amigas substituíram os interesses do Estado, ainda que contrariando abertamente as ordens do presidente da província", afirma Cesar Augusto Barcellos Guazzelli ao referir-se aos estreitos laços que uniam os caudilhos rio-grandenses com os do Rio da Prata (2010, p. 98). Quando Juan Antonio Lavalleja, líder da expedição dos Trinta e Três Orientais, opôs-se em 1831 à presidência de Fructuoso Rivera, refugiou-se em Porto Alegre, junto a seu compadre Bento Gonçalves da Silva, futuro presidente da República conformada no Rio Grande. Já em pleno enfrentamento entre o Império e os liberais rio-grandenses, Rivera, inimizado com Manuel Oribe, quem tinha sido o seu sucessor na presidência do Uruguai, apoiou-se no legalista⁴ Bento Manoel Ribeiro para voltar a encabeçar o Executivo de seu país. Nesta trama de lealdades também gravitava com força da política *bonaerense* de alianças complexas e extremamente dinâmicas. Por um lado, o caudilho portenho federal Juan Manuel de Rosas apoiou os brancos uruguaios, na figura de Oribe, com o objetivo de debilitar o poder dos unitários argentinos exilados na Banda Oriental, quem, por sua vez, deram o seu apoio a Fructuoso Rivera, chefe do Partido Colorado, que assumiu o poder no Uruguai em 1839. As relações com os farroupilhas foram mais instáveis. Inicialmente, houve sintonia entre Oribe e os rebeldes rio-grandenses, o que supunha certa aproximação ao governo de Rosas. Entretanto, em virtude da atitude hesitante deste último com relação ao conflito com o Império, os liberais farrapos modificaram radicalmente a estratégia e assinaram em 1838 um tratado com Rivera que comprometia ambas as partes em uma aliança ofensiva e defensiva (BARCELLOS GUZZELLO, 2010, p. 103-5).

Durante os nove anos que durou a República Rio-Grandense, "um sistema de contrabando habilmente construído garantiu o prolongamento da guerra" (CESAR, 1978, p. 66). Os rebeldes não podiam sobreviver sem o apoio dos países do Prata, porque nenhum porto que tivesse acesso ao mar era controlado por eles. Mesmo assim, entre o Rio Grande insurgente e as nações vizinhas havia outro intercâmbio não menos material que o de armamentos, víveres e animais. Cesar afirma que no julgamento aos farrapos, Rodrigo de Sousa da Silva Pontes "chama a atenção sobre panfletos subversivos, em castelhano, espalhados por todo o estado, os que fizeram tanto mal à ordem monárquica" (1978, p. 67). A primeira dedução que a frase nos permite fazer não é,

⁴ O termo "legalista" faz referência a uma das facções enfrentadas na Guerra dos Farrapos, a que defendia o poder imperial. Por outro lado, os farroupilhas eram liberais insurgentes que apoiavam a secessão do estado de Rio Grande do Sul do Império. Esta última denominação não tinha uma origem local; na verdade, era utilizada em todo o território brasileiro para referir-se aos liberais "exaltados", uma das tendências políticas em que se dividia o arco ideológico do Brasil das Regências.

logicamente, menos destacável: os rio-grandenses liam, na época, publicações em espanhol. A segunda constatação é tão valiosa quanto a primeira e tem a ver com a porosidade dos limites políticos meridionais, que para um defensor do sistema monárquico como Silva Pontes, havia que encerrar urgentemente. Aos olhos do político brasileiro, a língua do outro estava relacionada com o outro governo, isto é, com a república. Na densa retícula de interesses que ligava os rebeldes farroupilhas aos líderes das facções rio-platenses, a conjugação de língua e política contribuía para com uma lógica concretíssima: somente falando um mesmo idioma se pode levar adiante as conversas que tecem uma conspiração.

Álvaro Klafke (2010, p. 101-114) analisa a gramática argumentativa contra as formas republicanas dos jornais monárquicos da época publicados em Porto Alegre. Os redatores desses papéis, além de afirmar que se tratava de um tipo de governo que não se ajustava ao "ser brasileiro", procuravam desanimar qualquer simpatia para com o republicano colocando como exemplo (ou contraexemplo) as nações platinas, submersas em intermináveis guerras fratricidas. A ênfase em uma tradição cultural que procurava diferenciar os brasileiros do sul dos castelhanos do Rio da Prata era alimentada pela pluma de um dos escritores públicos mais respeitados na corte carioca da época: Evaristo da Veiga.⁵

Fala-se muito de um plano para separar do Império o Rio Grande do Sul, e federa-lo com Buenos Aires e Montevideo. [...] Que futuro se abre para essa federação sonhada, entre entidades que se repugnam, que se conhecem apenas pelas guerras que por longo tempo mutuamente sustentaram? O futuro de B. Aires e Montevideo! Desceremos nós tanto? (*Aurora Fluminense*, citado em *O Liberal Rio-Grandense* 8, s/p).

Uma "federação sonhada" entre o Rio Grande do Sul, Buenos Aires e Montevideu, escrevia Evaristo da Veiga em sua *Aurora Fluminense* (1827-1836). A discussão historiográfica ao redor da existência desses planos de federação é extensa e ainda não está encerrada.⁶ Não obstante, na época, os boatos de separatismo circulavam e os laços entre caudilhos argentinos, uruguaios e brasileiros do sul eram reais. Em termos mais gerais, durante a primeira metade do

⁵ Citamos os jornais indicando entre parênteses o número dentro da série e depois o número de página (se houvesse). No caso de *O Povo*, a paginação corresponde à edição facsimilar de 1930. As citações respeitam a ortografia e os sinais gráficos originais (pontuação, itálicas, negritos, maiúsculas).

⁶ Entre as décadas de 1920 e 1960, no âmbito da discussão mais ampla em torno da identidade regional *gaúcha*, tiveram lugar intensos debates sobre a influência das repúblicas do Prata na revolução de 1835. Nestas polêmicas, enfrentaram-se as matrizes "platinista" (Varella, 1933; Porto, 1954; Barceló, 1955) e "lusitanista" (Ornellas, 1948; Sousa Docca, 1954; Rosa, 1957; Vellinho, 1964), duas concepções historiográficas que disputam a primazia sobre o discurso regionalista do Rio Grande do Sul. Para uma análise detalhada desta questão, o estudo realizado por Ieda Gutfreind (1998) sobre tradições historiográficas rio-grandenses é muito útil.

século XIX sul-americano, a desintegração territorial era um perigo manifesto. Foi uma época caracterizada pela natureza reversível dos precários limites estabelecidos entre as diferentes unidades políticas surgidas como resultado do processo independentista. Tal instabilidade esteve longe de ser resolvida depois do corte definitivo dos vínculos coloniais; pelo contrário, este se intensificou na medida em que as possibilidades de fragmentação das ex-posses ibéricas se multiplicaram.

3 Sociabilidade impressa republicana

Se um escritor como Evaristo da Veiga, defensor da integridade territorial do Brasil imperial, enfatizava o passado de guerras que separavam os habitantes do Rio Grande dos vizinhos castelhanos, os farroupilhas, com o fim de legitimar o governo republicano, realizaram a operação contrária: tentaram construir uma comunidade de interesse com os Estados hispano-americanos, cujas características podem ser observadas hoje na imprensa da época.

Em 1838, o mazziniano Luigi Rosetti se preparava para publicar o número inaugural de *O Povo* (1838-1840), órgão ministerial da República Rio-grandense, do que seria o primeiro editor (trabalhou nesta publicação até março de 1839). Entusiasmado, Rosetti escrevia para o seu compatriota Giovanni Battista Cuneo, radicado em Montevideu: “Em duas [cartas] minhas precedentes, rogava-vos cópia do jornal *La Moda*. Asinnai igualmente ao *El Universal*... e a um ministerial de Buenos Aires” (REVERBEL e BONES, 1996, p. 131). Ao tentar pôr de manifesto aos seus leitores a inclusão do Brasil na sociabilidade americana fundada na defesa dos valores da República, *O Povo* incentivou, a partir de suas páginas, a relação com a imprensa dos países do Prata por meio da reprodução parcial ou completa dos seus artigos traduzidos ao português. O interesse era recíproco: em 1839, Juan Bautista Alberdi dedicou “A los republicanos del Río Grande” o texto *La Revolución de Mayo. Crónica dramática*, dedicatória que apareceu no jornal montevidense *El Nacional* (1835-1846) e que depois foi publicada em português nas páginas de *O Povo*.⁷ A folha farroupilha também republicava textos da *Revista del Plata* (1839), jornal de cuja redação Alberdi foi o responsável juntamente com Miguel Cané. O reconhecimento que esta última publicação proporcionou ao processo rio-grandense irmanava a Revolução do 35 com as lutas pela independência na América espanhola. “O Rio Grande é, e será de hoje em diante, uma Nação

⁷ *El Nacional*, n° 251 e n° 252; *O Povo*, n° 120 e n° 123.

independente e soberana, como o Estado Oriental o é, como o são a República Argentina, Chile, Bolívia, e todas as Sociedades da América Meridional”, se lê, na versão portuguesa, no número 90 de *O Povo* (p. 377). Neste artigo da imprensa montevidéana, reproduzido no jornal oficial da República Rio-grandense, também, fazia-se alusão aos anos prévios de indiferença dos letrados de Buenos Aires e Montevidéu com relação ao conflito brasileiro:

Circunstancias excepcionaes, exigencias momentaneas, parecem que athe hoje haó influido para que a imprensa Oriental naó se haja occupado da Republica Rio-Grandense. A Revista do Prata, que naó he o écho de huma administraçáo, que leva a sua frente as palavras simbolicas de suas crenças políticas e sociaes, naó preencheria a missiaó que se ha proposto, se tambem adoptasse o silencio que seus colegas haó guardado sobre os sucessos do Estado limítrofe (90, p. 377).

Que fator determinou que fosse produzido o levantamento do véu e os românticos argentinos, como Alberdi e Cané, voltaram os olhos para as turbulências políticas do Brasil meridional? Na esfera cultural e teórico-político, a presença e o contato com os exilados mazzinianos, como Cuneo que residia em Montevidéu, com certeza contribuiu com o despertar desse interesse. Perseguidos pela Santa Aliança da Europa da Restauração, os emigrados italianos tinham chegado ao Rio de Janeiro entre o final da década de 1820 e os inícios dos anos 30 e, em 1837, tinham se mudado para o Uruguai e para o Rio Grande do Sul, desejosos de participar nas lutas políticas locais. Se os jovens da Geração de 37 alimentaram sua atração pelo socialismo romântico francês por meio da leitura de impressos como a *Revue de Deux-Monde*, *Le Globe*, *Revue Française*, *Revue Encyclopédique* (TARCUS, 2016, p. 115-132), no caso do mazzinismo, foi a presença física dos próprios italianos o que gravitou com maior determinação na divulgação da doutrina do mestre e líder genovês. Quanto a isso, devemos lembrar, por exemplo, que Cuneo esteve presente, ao menos, em uma das reuniões do Salão Literário portenho (WEINBERG, 1977, p. 47) e que manteve uma relação bastante estreita com Miguel Cané (pai do escritor de *Juvenilia*), a quem entregou um exemplar do estatuto da *Giovine Italia* (MARANI, 1985, p. 37; TARCUS, 2016, p. 170). Por outro lado, o peso de Mazzini na conformação da intelectualidade romântica local não foi, de jeito nenhum, desprezível. A associação secreta a Jovem Argentina, fundada pelos escritores românticos e no interior da que Echeverría escreveu as "Palavras simbólicas" e o *Dogma socialista*, copiava em sua forma as organizações das juventudes românticas europeias, então lideradas por Mazzini. Marcas da doutrina deste último são lidas em publicações periódicas românticas: em *La Moda*, primeiro jornal dos românticos argentinos, apareceu um semblante biográfico celebrando Mazzini, do que os editores se vangloriavam pela novidade ("É-nos grato

apresentar, os primeiros, ao mundo americano, um nome jovem, brilhante já de glória: - Massinim colosso de 30 anos", 2, p. 3). Alma Marani (1985, p. 29) indica, além disso, que a epígrafe do cabeçalho de *El Iniciador*, papel considerado continuador de *La Moda*, repetia, com uma leve variante, o da primeira página do *L'Italiano* ("Bisogna riporsi in via")⁸, folha que o líder carbonário publicou na França em 1836 e da que também tinham sido publicados trechos em *La Moda*. Por sua vez, *El Nacional* apresentava em seu cabeçalho como lema as mesmas palavras que apareciam na capa de *O Povo*: "Liberdade, Igualdade, Humanidade". Se as primeiras duas palavras remetiam à Revolução Francesa, a última se referia ao campo do pensamento do humanitarismo social dominado pela doutrina mazziniana (MARANI, 1985, p. 58; BETRIA, 2013, p. 150).

Mercedes Betria (2013, pp. 136-137) afirma que o mazzinismo forneceu aos românticos do Rio da Prata uma linguagem insurrecional contra Rosas ligada às ideias de república, liberalismo e democracia, fato que é verificado, por exemplo, se for feita uma leitura comparada das "Palavras simbólicas" de Esteban Echeverría e da doutrina do líder carbonário (MARANI, 1985, pp. 41-50). Porém, esta interessante hipótese permite elaborar outra de abrangência regional que ainda não foi explorada, com exceção dos trabalhos do brasileiro Eduardo Scheidt (1999-2007). Visto que a retórica militante elaborada pelos jovens da Geração de 37 apresentava pontos em comum com o discurso da sublevação farroupilha, que se nutria também da doutrina preconizada por Mazzini, o resultado foi uma convergência política e cultural na região de natureza inédita. Podia-se dizer que os letrados argentinos –acontecendo o mesmo no Brasil com o grupo intelectual ao que lhe foi encomendada a tarefa de construir uma imagem pública do novo governo– descobriram a região graças à visão global do mundo proporcionada pelo socialismo romântico ou, em outras palavras, que a difusão do ideário internacionalista romântico via imprensa europeia e a presença física dos exilados mazzinianos despertou na época a emergência de um espaço de sociabilidade intelectual regional. Publicações como *La Moda* (1837-1838), *El Iniciador* (1838-1839), *Revista del Plata* (1839), *El Nacional* (1835-1846) às que deveríamos acrescentar *El Porvenir* (1840), *El Talismán* (1840) e *El Corsario* (1840) (todas elas surgidas em Montevideu, exceto a primeira); e a imprensa oficial da República Rio-Grandense, especialmente *O Povo* (1838-1840)⁹, mostram uma afinidade político-cultural entre a intelectualidade do Rio da

⁸ "É necessário estarmos a caminho".

⁹ *O Povo* foi sucedido pelo *O Americano*, que foi publicado em Alegrete entre 1842-1843, que foi substituído pelo *Estrela do Sul*, do que somente saíram três números durante março de 1843.

Prata e os letrados do sul do Brasil que dificilmente se repetiria ao longo da história. A imprensa constituiu um dispositivo fundamental para isso, devido à centralidade que tinha na época na conformação de um discurso público. Também, enquanto poderoso meio aglutinante de horizontes temporais compartilhados, o jornal permitiu conceber comunidades nacionais, mas também outras de limites mais dilatados, nas que a ligação de seus membros esteve determinada pela leitura simultânea de uma mesma tecnologia impressa (BENEDICT ANDERSON, 1991, p. 60-61).

Com relação ao mazzinismo, os jornais constituíram uma plataforma de divulgação fundamental para as práticas políticas instauradas pela Jovem Itália e depois pela Jovem Europa. A estratégia de Mazzini não apenas enfatizava a necessidade da insurreição, mas também da educação, concebida como propaganda moral (BETRIA, 2013, p. 142). Este pressuposto determinava que os refugiados políticos mazzinianos se dedicassem às atividades jornalísticas nos países de exílio. Cuneo, exilado em Montevideú, não apenas publicou jornais em seu idioma nativo para encontrar prosélitos entre os seus compatriotas, mas também participou de empresas jornalísticas dirigidas pelos românticos liberais do Rio da Prata: durante os anos estudados, colaborou em *El Iniciador* e em *El Nacional*, dois jornais em que os emigrados argentinos fundadores da publicação portenha *La Moda* foram integrados. Por sua vez, a Rossetti lhe coube o papel de precursor na imprensa da região, ao ser o editor de *O Povo*. A presença de Cuneo entre os letrados argentinos e uruguaios e o envio das publicações destes a Rossetti funcionaram como vínculo entre o movimento farroupilha e os mais importantes integrantes do romantismo do Prata (Alberdi e, especialmente, Cané). Por sua vez, estes últimos, também foram presos da compulsão jornalística, orientada pela doutrina do líder genovês: entre 1837 e 1840 iniciaram sete jornais, embora certamente a maioria deles teve uma vida curta.

Em termos da história intelectual, os jornais citados se filiam, através de diferentes matizes, com o socialismo romântico europeu e com a nutrida imprensa que se dedicou a sua propagação. Este vínculo é reconhecido a partir de três características. A princípio, as publicações socialistas europeias concebiam a história humana como marcha e como progresso; na conjuntura em que surgiram *El Iniciador*, e seu antecessor *La Moda*, ou o rio-grandense *O Povo*, esses princípios foram traduzidos na defesa da organização nacional-republicana como forma privativa de integrar novas unidades políticas americanas na evolução histórica. Nomeadamente, o republicanismo democrático –sinal irreversível do século XIX de acordo com o credo do romantismo social professado pelos mazzinianos– foi o fator chave para a conformação de uma comunidade intelectual de abrangência regional enquanto permitiu aglutinar sob o sinal dos novos

tempos a experiência insurrecional dos farroupilhas, as lides dos jovens do Rio da Prata com o seu passado e presente políticos e a luta antimonárquica dos emigrados italianos. Dessa forma se compreende, em toda a sua espessura significativa, o fato de que Alberdi, por exemplo, reivindicasse o movimento farroupilha filiando-o com a Revolução de 1810 e concebendo-o como parte de um processo revolucionário que incluía a todo o Continente Americano. A irreversibilidade do processo que conduz à liberdade republicana é um traço determinante da dedicatória que o argentino direciona aos rio-grandenses na *Revolución de Mayo. Crónica dramática*: "La desaparición de la monarquía en América es irrevocable y definitiva, y su restauración inconcebible" (1886, p. 475). É o mesmo traço que se lê em *O Povo* quando os redatores afirmam que "o século é revolucionário e republicano" e chamam os publicitários monárquicos a "cingi-vos a vossa época" (3, p. 12).

Além disso, os jornais compartilham um projeto de reforma social que se apropriava do programa do século romântico de transcender a Revolução Francesa e dar ênfase ao social ao invés do político, o que supunha encarar uma radical reforma de costumes. No âmbito da imprensa, esta segunda característica levava a uma terceira, relativa à concepção do jornalista como um educador. O enunciado de Rossetti sobre a finalidade de *O Povo* de educar ao cidadão "para um novo modo de política" (5, p. 19) poderia se estender à *La Moda*, ao seu continuador *El Iniciador* e aos outros jornais montevideanos citados. Com alguns matizes na articulação programática, todos estes papéis pretendiam incutir aos leitores novas formas de comportar-se em sociedade, maneiras adequadas às formas políticas "na moda", que trariam progresso e civilização para este lado da América. O entrelaçamento da moda com a política do século XIX não supunha uma banalização desta última. A moda era sinônimo de mudança e de progresso, era um elemento vital do impulso civilizacional (GOLDGEL, 2013, p. 135). Assim como impôs o seu influxo na literatura, também se introduziu no âmbito da política. *O Povo*, por exemplo, manifestava a rejeição à monarquia constitucional argumentando o "estacionário" das formas de organização das sociedades: "Liberdade com cortejo de reis e de nobreza já não é de estação; e a mudança é reclamada pelas circunstancias, pela civilização, pelas ciências, e pelas artes" (3, 4). Neste sentido, poderia se pensar que a moda, enquanto dispositivo de renovação jornalística, permitiu aos revolucionários e aos socialistas representarem publicamente a reivindicação de renovação política e social.

4 Encurtar distâncias: O Brasil na América do Sul

Os românticos argentinos incluíram os farroupilhas em sua retórica beligerante contra o governador de Buenos Aires. As marchas e contramarchas da Confederação Argentina com relação à causa dos insurretos brasileiros foram interpretadas por eles como mais um atentado de Rosas contra a causa pela liberdade. No nº 39 de *O Povo*, dois textos de *El Porvenir*¹⁰ são reproduzidos em português. O primeiro artigo se intitula "Aos Republicanos Rio-Grandenses" e é destinado a parabenizar os brasileiros do sul por já terem cumprido quatro anos de vida republicana. O segundo é um trecho de um texto intitulado "tradução da Mensagem de Rosas ao idioma da verdade". Este tipo de traduções de fantasia constituía um procedimento destinado a gerar um efeito de verdade sobre a voz satirizada do inimigo. Era um efeito muito procurado na imprensa combativa da época como forma de minar de dentro a palavra do adversário evidenciando as suas dobraduras. Para isso, apelava-se a vários moldes retórico-discursivos além da tradução imaginária, como a confissão, o monólogo, a simulação de uma carta interceptada. No texto de *El Porvenir*, o tirano de Buenos Aires confessava a verdade de suas ações:

Eu promovi eficazmente a sublevação da Provincia do Rio-Grande do Sul; tive junto de minha pessoa á um agente dos sublevados, e agora á pouco lhes fiz um presente de 600 couraças, 600 espadas, e 600 tersarollas. Porem logo vi que estes Republicanos querem de boa-fé ter um Governo que lhes dê Liberdade, e Justiça, e nada entendem de meu systema de Mas horca e punhal. E os abandonei pois, e me liguei com o Imperio do Brasil para subjugalos (139, p. 588).

O fato de a versão portuguesa, nas palavras "Mas Horca", permanecerem em espanhol para manter o calembur (marca estável do discurso antirrosista dos emigrados argentinos) compunha um gesto de solidariedade linguística e retórica com os detratores de Rosas. Além disso, como se fosse o elenco de uma peça dramática, o texto que em *O Povo* se lia em tradução ao português organizava os lugares em disputa que a cada parte lhe cabia ocupar. De um lado estavam os republicanos do Brasil, que brigavam pela Liberdade e Justiça, e do outro, o sistema de opressão do rosismo; dele era consequência que os românticos do Rio da Prata, que execravam o "systema de Mas horca e punhal", reivindicassem pela força da necessidade a insurreição dos liberais rio-grandenses contra o Império brasileiro.

¹⁰ *El Porvenir* foi uma publicação aparecida em 1840 que teve como principais redatores aos argentinos Alberdi e

Os textos dos jovens românticos sobre a Revolução Farroupilha deram ao conflito uma projeção americana que foi aproveitada pela liderança farrapa para a confrontação de uma opinião pública favorável aos sublevados; é por isso que estes tiveram tanto cuidado em replicá-los em suas publicações oficiais. É sugestivo, neste sentido, que o segundo jornal oficial da República tenha sido batizado como *O Americano* (1842-1843) e o terceiro, *Estrela do Sul* (1843): trata-se de nomes que assumiam o pertencimento do território rio-grandense insurreto a um espaço continental caracterizado pela paulatina marcha em direção às formas de governo republicanas. Assim como Rama concebeu a anexação da Banda Oriental ao Império brasileiro (1817-1825) como um ponto de máxima aproximação entre os hispânicos e os luso-americanos, a criação da República Rio-Grandense constitui o mesmo: um momento histórico em que encurtou a distância da América lusa e da América espanhola e uma parte do Brasil foi integrada ao imaginário sul-americano por meio das lutas independentistas.

Porém, a valorização que Alberdi e seus colegas de geração fazem da causa dos republicanos rio-grandenses serviu também, de maneira muito definida, para objetivos relativos à luta contra Rosas. Alberdi se lamentava em sua dedicatória, pela indiferença com que as repúblicas da América do Sul receberam a nova república do Sul: “¡Entre un pueblo que sacude su yugo para entregarse a la libertad, y un trono que conspira por someterlo, la elección nos ha llegado a ser costosa, Dios sagrado!” (1886, p. 407). Ele atribui essa atitude ao abandono em que caíram “todos los primordiales y elevados propósitos de la revolución de Mayo” (1886, p. 407). De acordo com o que os jovens emigrados em Montevideu denunciavam, esse abandono emergia de modo paradigmático em Buenos Aires, durante esses anos submetida a uma tirania. O diagnóstico tinha a virtude de outorgar à nova geração a tarefa de salvar os Princípios de Maio do esquecimento, o que consistia, em primeiro lugar, assumir o protagonismo do combate contra Rosas. Um corolário necessário dessa tarefa era tomar a dianteira no reconhecimento da importância do processo rio-grandense. “En ningún punto de América, a exceptuar tal vez en las costas del Plata, se combate hoy por una causa más alta”, escreve Alberdi (1886, p. 408). Assim, a luta contra Rosas se amalgamava ao combate contra a monarquia, cuja queda era considerada inelutável de acordo com o que o mazzinismo chamava de “progresso do século”. O elemento comum que, a partir do discurso, atava situações históricas tão desiguais era o caráter tirânico atribuído tanto ao Império como ao sistema de governo que predominava na Confederação Argentina.

Conclusão: uma constelação instantânea

A Revolução Farroupilha, a proscricção dos letrados argentinos em Montevideu pela oposição ao governo de Rosas e o início da Guerra Grande são os acontecimentos centrais que delimitam os contornos de uma época de máxima aproximação política e cultural entre o Rio da Prata e a região meridional do Brasil. Não se trata de não ter tido intercâmbios culturais ou políticos previamente; de fato, desde o começo do processo independentista, o impacto do mundo platino ficou marcado pela difusão dos conceitos políticos modernos na província brasileira (VARGAS, 2007, p.87). Mas, antes do estouro da Revolução de 35, a elite rio-grandense não tinha sido vista envolvida na tarefa de construir um discurso público que desse legitimidade a um novo governo. Este discurso público encontrou na imprensa o dispositivo central de alicerce e difusão, como tinha acontecido anos antes em outras cidades do continente, em que as assembleias constituídas depois da crise da monarquia se apoiaram nas gazetas ministeriais para justificar política e juridicamente a sua frágil existência (GUERRA, 2002, p. 368-369).

Como era norma para a imprensa da época, o universo jornalístico ao que nos referimos ao longo do artigo esteve atravessado por tensões vinculadas com a especial conjuntura política em que apareceram as publicações que o compõem. No Rio da Prata, o endurecimento da política repressiva do rosismo levou os letrados românticos a explorarem outras opções de escritura jornalística. Desse modo, um grupo deles fundou em 1839 e 1841 respectivamente *El Grito Argentino* e *Muera Rosas!* por meio dos quais a "jovem geração" declarou abertamente a guerra ao governador de Buenos Aires e adentrou de modo pleno na guerra de papéis se distanciando do tom doutrinário que predominava nas folhas em que tinham participado anteriormente. *O Povo* experimentou essa transformação em suas próprias páginas. A proposta inicial de "publicar de preferência artigos de doutrina" (5, p. 19) foi dando lugar à necessidade de legitimar o novo governo dando a conhecer as suas ações, informando sobre a evolução da guerra, linha editorial que foi assumida pelos papéis que o sucederam. Assim, em certa medida, os projetos jornalísticos aos que nos referimos ficaram interrompidos; mas a interrupção prematura não impede qualificá-los como emergentes materiais de uma comunidade regional de ideias que se configurou, pela sua rapidez, como se fosse uma constelação instantânea.

Por outro lado, ainda que a sociabilidade impressa de características republicanas que se teceu por meio de intercâmbios jornalísticos tenha sido de curta duração (estendeu-se,

principalmente, por quatro anos, entre 1837 e 1840), a intensidade dos vínculos estabelecidos foi proporcional ao momento histórico em que se desenvolveram, momento em que os limites dos Estados nacionais ainda não estavam definidos. Neste caso, trata-se de um período que vale a pena ser estudado mais profundamente, já que poderia fornecer múltiplos elementos se quiséssemos reverter a condição de estrangeiro do Brasil na América do Sul pela que Mário de Andrade se lamentava na década de 1920. Como apontamos ao longo do artigo, a imprensa funcionava como um dispositivo de ressonância das afinidades eletivas dos escritores e dos grupos aos que pertenciam; daí que seja desejável continuar indagando a trama de referências, citas, republicações e traduções que unem os jornais farroupilhas aos do Rio da Prata. Também seria produtivo esclarecer a trama privada em que muitas vezes os intercâmbios que se faziam públicos se sustentavam, através do estudo da correspondência, espaço simbólico-material de grande relevância para analisar a produção, a circulação de ideias e o acúmulo de relações em que os letrados estavam inseridos. Um estudo sistemático das cartas entre os mazzinianos italianos, entre estes e os escritores românticos residentes em Montevidéu e também de alguns farroupilhas como Domingos José de Almeida –uma das cabeças intelectuais da Revolução de 35, que esteve muito comprometido com os projetos jornalísticos do governo republicano– poderia ser útil para avançar na reconstrução das redes que sustentaram o contato político, cultural e literário entre os países do Rio da Prata e o Rio Grande do Sul durante a primeira metade dos oitocentos.

CRedit

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável

Conflitos de interesse: O autor certifica que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Investigação, Metodologia, Recursos, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: ROMANO, María Laura.

Referências

ALBERDI, J.B. *et al. La Moda. Gacetín semanal de música, de poesía, de literatura, de costumbres*. Buenos Aires: Imprenta de la Libertad / Imprenta de la Independencia, 1837-1838.

-----; CANÉ, M. *Revista del Plata. Diario político, literario, noticioso y mercantil*. Montevidéu: Imprenta de la Caridad, 1839.

----- *et al. El Porvenir. Diario Iniciador*. Montevidéu: Imprenta Oriental, enero 1840.

----- *La Revolución de Mayo. Crónica dramática en cuatro partes.* In: *Obras completas.* 1° ed. Buenos Aires: Imp., Lit. y Enc. de “La Tribuna Nacional”, 1886. Tomo I.

ALMEIDA, D. J. de; Rossetti, L. *O Povo. Jornal político, literário e ministerial da República Rio-Grandense, 1838-1840:* Edição facsimilar do Museu e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1930.

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo.* Tradução por Eduardo L. Suárez. 1° ed. em espanhol. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

BARCELÓ, R. de. *Estudos rio-grandenses.* 1° ed. Porto Alegre: Globo, 1955.

BARCELLOS GUAZZELLI, C. A. Fronteiras em conflito no espaço platino: da Guerra dos Farrapos à Guerra Grande. In: NEUMANN, E.; GRIJÓ, L.(orgs.). *O continente em armas: uma história da guerra no sul do Brasil.* 1° ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 97-122.

BETRIA, M. Para una nueva lectura sobre la Generación del 37. Mazzinismo y sociabilidades compartidas en la construcción de la identidad nacional argentina. In: Amadori, A.; Di Pasquale, M. (coords.). *Construcciones identitarias en el Río de la Plata, siglos XVIII y XIX.* 1° ed. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2013, p. 135-162.

CAETANO, G. Identidades y alteridades en el Río de la Plata. Una visión histórica desde la banda oriental del ‘río mar’. *Sociohistórica, La Plata*, n. 35, 2015. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5160044>. Acesso: 27 de enero 2021.

CESAR, G. *O contrabando no sul do Brasil.* 1° ed. Caxias do Sul: UCS-EST, 1978.

GOLDGEL, V. *Cuando lo nuevo conquistó América. Prensa, moda y literatura en el siglo XIX.* 1° ed. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.

GOMES VIANNA, M. *O Liberal Rio-Grandense.* Porto Alegre: Typografia do Mercantil, 1835-1836.

GUERRA, F.J. “Voces del pueblo”. Redes de comunicación y orígenes de la opinión en el mundo hispánico (1808-1814). *Revista de Indias, Madrid*, v. LXII, n. 225, 2002, p. 357-384.

GUTFRIEND, I. *A historiografia rio-grandense.* 1° ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992.

KLAFKE, Á. A. *Antecipar essa idade de paz, esse império do bem.* Imprensa periódica e discurso de construção de Estado unificado (São Pedro do Rio Grande do Sul, 1831-1845). 2011. 287 f. Tese de doutorado. (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LAMAS, A.; CANÉ, M. *El Iniciador. Periódico de todo y para todos.* Montevideo: Imprenta Oriental, 1838-1839.

MARANI, A. N. *El ideario mazziniano en el Río de la Plata.* 1° ed. La Plata: Universidad Nacional de la Plata, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 1985.

ORNELLAS, M. de [1948]. *Gaúchos e beduínos. A origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul.* 4° ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

PORTO, A. *História das Missões Orientais do Uruguai.* 1° ed. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954.

RAMA, Á. Diez problemas para el novelista hispanoamericano. In: Loveluck, J. (comp.). *La novela hispanoamericana.* 1° ed. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1969, p. 277-336.

-----. Esa larga frontera con Brasil. *El País Cultural*, Montevideu, n. 217, s/p, 1993. Disponível em http://letras-uruguay.espaciolatino.com/rama/esa_larga_frontera_con_brasil.htm. Acesso: 27 de janeiro 2021.

REICHEL, H.; GUTFREIND, I. *As raízes históricas do Mercosul. A Região Platina colonial*. 1º ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1996.

REVERBEL, C.; BONES E. *Luiz Rossetti: o editor sem rosto. Outros aspectos da imprensa no Rio Grande do Sul*. 1º ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 1996.

RODRÍGUEZ MONEGAL, E. *Mário de Andrade / Borges*. Tradução por Maria Augusta da Costa Vieira. 1º ed. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 73-83.

ROSA, O. *Formação do Rio Grande: fundamentos da cultura rio-grandense*. 1ºed. Porto Alegre: URGs/Faculdade de Filosofia, 1957.

SANTOS NEUMANN, E.; GRIJÓ, L.(orgs.). *O continente em armas: uma história da guerra no sul do Brasil*. 1º ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

SCHEIDT, E. Idéias da 'geração de 1837' na imprensa farroupilha rio-grandense. *Estudos Leopoldenses: série História*, São Leopoldo, v. 3, n. 1, p. 67-78, 1999.

-----. A nação mazziniana chega à região platina: jornalistas italianos e os debates no Prata em meados do século XIX. *Revista de História*, São Paulo, nº 156, p. 227-159, 2007.

SCHWARTZ, J. Abaixo Tordesilhas! *Estudos avançados*, São Paulo, v. 7, nº 17, 1993, p. 185-200.

-----. *Vanguardia y cosmopolitismo en la década del veinte*. Oliverio Gironde y Oswald de Andrade. 1º ed. em espanhol. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 1993.

SOUSA DOCCA, E. F. de. *História do Rio Grande do Sul*. 1º ed. Rio de Janeiro: Simões, 1954.

TARCUS, H. *El socialismo romántico en el Río de la Plata (1837-1852)*. 1º ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016.

TEJERINA, M.V. La lucha entre España y Portugal por la ocupación del espacio. Una valoración alternativa del Tratado de San Ildefonso de 1777. *Revista de História*, São Paulo, n. 135, 1996, p. 31-40.

VARELLA, A. *História da grande revolução*. 1º ed. Porto Alegre: Globo, 1933.

VARGAS, J. M. *Entre a paróquia e a Corte*. Uma análise da elite política do rio Grande do Sul (1868-1889). 2007. 279 f. Tese de mestrado. (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

VELLINHO, M. *Capitania d'El Rei: aspectos polêmicos da formação Rio-Grandense*. 1º ed. Porto Alegre: Globo, 1964.

WEINBERG, F. *El Salón Literario de 1837*. 1º ed. Buenos Aires: Hachette, 1977.